

COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS NA INFÂNCIA: origens e influências da relação com os pais¹

Ivana Correa Barbosa

Jhonas Antônio de Souza

Lorena Pereira Magalhães Ferreira

RESUMO

A agressividade infantil é tema de várias pesquisas na área de psicologia, no entanto este trabalho levanta a questão da agressividade nas crianças estar ou não relacionada à influência parental. A presente pesquisa se justifica por investigar as reações relacionadas à agressividade em crianças a partir da convivência com seus pais, o objetivo geral do trabalho é investigar essa relação que as crianças têm com os pais e se ela influencia para um comportamento agressivo no desenvolvimento infantil, o presente estudo se divide em tópicos de estudo, avaliando o desenvolvimento infantil e suas ramificações, assim também como a agressividade infantil, os processos de construção identitárias e a psicologia e o comportamento agressivo. A metodologia escolhida para desenvolver e entender essa influência parental foi feita por meio de pesquisas bibliográficas com autores renomados, tais como Skinner (1953), Pasqualini (2006), Silva et al (2008), Borsa e Bandeira (2011) entre outros, e os principais resultados do estudo estão relacionados à análise dos tipos de comportamento agressivos e do convívio com os pais.

Palavras-chave: Agressividade infantil. Agressividade em crianças. Desenvolvimento infantil. Influência parental.

1. INTRODUÇÃO

Estudar e entender os problemas e fatores desencadeantes do comportamento agressivo é muito importante para o campo da psicologia do desenvolvimento. A pesquisa promove conhecimentos a ponto de esclarecimentos, acerca do surgimento de reações violentas e de como reagir, lidar e controlar tais comportamentos.

É comum notar comportamentos agressivos nos primeiros anos de vida de um indivíduo, nota-se aqui a importância de trabalhar e pesquisar as causas desse comportamento, bem como, se a relação com os pais influencia ou não nesse comportamento. Há uma diferença entre comportamentos agressivos causados por distúrbios e outros causados pelo popular “chamar a atenção”, é necessário saber diferenciá-los. Segundo Borsa e Bandeira (2011, p. 199) “O comportamento agressivo é uma variável de difícil definição e de complexa avaliação. Essa avaliação é particularmente mais complexa quando baseada nas informações fornecidas por outros observadores”, pondera-se que as origens serão influenciadas não somente pela relação com os pais, mas de outros influenciadores.

¹ Trabalho de Curso apresentado ao Centro Superior UNA de Catalão – UNACAT, como requisito parcial para a integralização do Curso de Psicologia, sob orientação da professora Fernanda Leão Mesquita.

Diante do exposto, este trabalho se justifica por investigar a convivência de crianças com os pais e as reações relacionadas à agressividade. Destaca-se como objetivos específicos: *a)* Compreender o desenvolvimento infantil e suas diversas influências e ramificações, *b)* Analisar o desenvolvimento do comportamento agressivo nas crianças, *c)* Explorar como se dão processos de construções identitárias (relacionados à agressividade) em crianças, a partir do convívio com seus pais e; *d)* Ressaltar a importância dos conhecimentos em Psicologia para acompanhamento e intervenção em casos desta temática.

Além de apresentar relevância ao tema por meio das palavras-chaves que foram utilizadas como critérios de pesquisa – agressividade infantil, agressividade em crianças, desenvolvimento infantil e influência parental – o assunto pode ser bem compreendido e desenvolvido, para que possa ser realizado corretamente e aplicado com sucesso.

A presente pesquisa tem o intuito de investigar as reações em crianças agressivas a partir da convivência com seus pais. Será necessária a visão de autores renomados que estudam o fenômeno, tais como Freud (1969), Pasqualini (2006), Silva *et al* (2008), Borsa e Bandeira (2011) entre outros, assim como pesquisa em portais online como Bireme, Capes e Scielo, e levantamento bibliográfico descritivo de artigos próximos ao tema da agressão infantil como ferramentas de pesquisa. A revisão bibliográfica será do tipo qualitativo, e será acerca do comportamento agressivo do indivíduo na primeira fase de vida e as influências sociais que corroboram para este comportamento. Espera-se atrair a atenção das pessoas e contribuir para a descoberta de novas hipóteses para o desenvolvimento do entendimento e ação para com a agressividade infantil. Além disso, as conclusões demonstradas neste trabalho podem ser utilizadas como base para outros estudos na área psicologia como um todo.

O conteúdo a seguir divide-se em tópicos. O primeiro abordará o comportamento agressivo nos primeiros anos de vida. O segundo abordará as ramificações do desenvolvimento infantil com foco no comportamento agressivo e nas construções identitárias. O terceiro trará conhecimento a respeito do desenvolvimento de comportamentos agressivos nas crianças. Em seguida, no quarto ponto, fará referência aos processos de construções identitárias (relacionados à agressividade) em crianças, a partir do convívio com os pais. E por fim, o quinto ponto tratará sobre a Psicologia e o comportamento agressivo.

2. COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS NOS PRIMEIROS ANOS DE VIDA

O comportamento agressivo é instintivo de todas as espécies, usado para defesa e imposição social. Nos animais isso é notado com mais frequência, pode ser usada como defesa, quando o animal está com medo ou acuado e, também usada como ataque, no caso de animais predadores, como forma de conseguir alimento ou defender o território. Para os seres humanos, no início da vida principalmente, não é muito diferente. As crianças usam a agressividade, muitas vezes, como forma de defesa. (SILVA *et al.*, 2008)

Crianças pequenas mostram comportamentos agressivos, comumente, para se defender de situações angustiantes e de perigo. A agressividade é um comportamento emocional que faz parte da criação e contato afetivo de todas as pessoas, então o primeiro instinto usado pela criança é o ataque. Se estimulada pode ser sinônimo de ambição e coragem. Em outras ocasiões a criança usa a agressividade para chamar a atenção para si.

Segundo Silva (2014), vários fatores podem contribuir para o comportamento agressivo de crianças. Dentre elas, podem-se citar questões situacionais como a separação dos pais, a chegada de um irmão, ou até mesmo a morte de um ente querido, mas também pode estar relacionada à falta de imposição de limites, se essa criança está sendo vítima ou exposta a violência física ou emocional, a falta de carinho e de atenção, além da não tolerância a situações frustrantes e até mesmo a tolerância excessiva dos pais.

Muitas vezes pode relacionar-se com algum tipo de disputa ou busca de aceitação. Se sentir ameaçada a criança pode tender a revidar com agressividade. Ou seja, a agressividade será então um resultado desse instinto de defesa e de revidar, próprios dos seres vivos, que explicaria o comportamento agressivo em primeiro lugar (SIMANKE, 2014). Na escola pode-se notar esse comportamento. Segundo Silva (2014, p. 12) os problemas de comportamento demonstrado da fase escolar podem destacar “indisciplina, agressividade, hiperatividade, apatia, desobediência, isolamento, entre outros. Além disso, também são apresentadas como queixas escolares, problemas emocionais e outras questões escolares.”

Na fase escolar escuta-se muito sobre comportamentos agressivos em crianças pequenas, por exemplo, crianças mordendo os colegas, puxando cabelo, batendo, entre outros. Esse comportamento pode mostrar uma disputa por atenção, ou até mesmo que a criança não está acostumada a dividir seus pertences com outras crianças. Elas podem relacionar a agressividade com a conquista do espaço pessoal, sinal de que não se está sendo passivo frente à imposição social e dos outros (SIMANKE, 2014). A busca por atenção é, possivelmente, o maior atenuante do comportamento agressivo. Em casa, a criança pode estar

acostumada a ser o centro das atenções e, na escola, dividir isso com outras crianças pode torná-la agressiva, também, quando não tem atenção dos pais, o comportamento agressivo pode demonstrar uma necessidade de atenção e carinho por parte dos pais.

Outro fator é a liberdade excessiva, como por exemplo, deixar a criança fazer sempre o que deseja pode levá-la a um comportamento por vezes agressivo quando a situação mudar. A disputa por atenção ou por algum objeto também pode desencadear um comportamento agressivo. A influência dos pais nessa fase é muito importante, dada a maneira como eles vão lidar com o comportamento agressivo da criança pode agravar a situação e torná-la insustentável. Silva *et al.* (2008) aborda fatores que podem ser considerados de risco no desenvolvimento da criança, embasado em outros autores ele afirma que tais riscos estão relacionados a:

história de desenvolvimento dos pais, personalidade dos pais, habilidades parentais (Barnett, 1997; Gil, 1996, Hallahan & Kauffman, 2003), abuso de álcool e drogas, gravidez na adolescência (D'Affonseca & Williams, 2003), depressão parental (Gil, 1996; Webster-Stratton, 1998), baixo nível educacional, altos níveis de estresse, monoparentalidade, presença de atividade criminal, doenças psiquiátricas, falta de apoio social, condições inadequadas de habitação, saúde, educação, alimentação, (D'Affonseca & Williams, 2003; Evans, 2004; Gil, 1996; Hallahan & Kauffman, 2003; Marinho, 2003; Sigolo, 2004; Webster-Stratton, 1998; Williams & Aiello, 2004), idade da criança (Pleck, 1997), temperamento da criança, déficits ou dificuldades neurofisiológicas da criança, níveis subclínicos de transtorno de conduta e performance acadêmica e intelectual da criança (Hallahan & Kauffman, 2003). (SILVA *et al.*, 2008, p. 218)

Fatores relacionados à saúde também podem desencadear comportamentos agressivos, deve-se observar os motivos que levam as crianças a mostrar esse tipo de atitude. E se necessário encaminhar para um profissional qualificado. Se comprovado que o comportamento agressivo da criança está diretamente relacionado a algum agravante patológico, os pais devem se esclarecer quanto aos procedimentos de conduta da criança e informar a instituição de ensino e pessoas do convívio da mesma. (SILVA *et al.*, 2008)

Apesar da influência dos pais ser de extrema importância para o desenvolvimento da criança, o ambiente escolar também influencia consideravelmente. A criança em desenvolvimento tende a imitar e reproduzir o que a cerca, já que não apresenta recursos próprios para se relacionar sozinha com o mundo, a intervenção dos pais nesse processo dosará o quanto a agressividade instintiva da criança irá se manifestar. (SILVA *et al.*, 2008)

Deve-se então, conciliar um ambiente doméstico saudável, sem demonstrações de conduta agressiva ou de total permissão frente às atitudes da criança, em junção com uma instituição escolar que complemente o apoio à família e à criança. Com isso, o desenvolvimento infantil é assunto de suma importância para a atenuação do comportamento

agressivo ou não da criança, por esse motivo o próximo tópico se relaciona às ramificações do processo de desenvolvimento infantil.

2.1. O Desenvolvimento Infantil e suas Ramificações

O indivíduo pode ser a representação do ambiente em que está inserido. Sua formação e seus influenciadores sociais terão grande representação no crescimento intelectual e na apresentação pessoal de cada um. A maneira como essa criança se comporta em casa com os pais e na escola com colegas e professores atenuará ou não seu comportamento.

A primeira interação social de uma criança se dá no ambiente familiar, é lá que se estabelecerá sua formação, conceitos e crenças de mundo. Essa relação familiar é importante então para a formação psicológica da criança, e o que ela vive no ambiente familiar será refletido em seu comportamento social. A maneira como vê o mundo e interage com outros fora do ambiente familiar será retratado pela forma como os pais interagem com a criança. (SILVA *et al.*, 2008) O comportamento agressivo pode ser, muitas vezes, uma defesa do que é diferente daquilo passado no ambiente familiar. Ou ainda, pode ser um reflexo daquilo que a criança está acostumada a vivenciar em casa.

Na idade média a transmissão de conhecimentos era passada oralmente de geração para geração, baseada na divisão de tarefas e na tradição, muitas vezes com influências religiosas. Por exemplo, os meninos eram criados para serem fortes e cuidar das plantações e animais; as meninas eram criadas para cuidar da casa, dos alimentos e das crianças. Essas crianças têm uma percepção de medo e respeito com relação aos pais. O século XX, por sua vez, já prepara essa criança para enfrentar um mercado de trabalho competitivo e agressivo, mostrando que a formação escolar é o mais importante a ser adquirida tanto pelos meninos quanto pelas meninas. (PASQUALINI, 2009).

Pode-se acrescentar ainda, que o trabalho e o que se espera da criança já é introduzido no seu dia a dia desde muito cedo, através de jogos e brincadeiras que imitam a vida real. No campo, por exemplo, as crianças brincam com materiais que se parecem com as ferramentas usadas pelos seus pais no trabalho, um menino ganha um machado ou um caminhão de gado, feitos de plástico, e por meio da brincadeira já treina como separar o gado e negociar no faz de conta; as meninas ganham vasilhas de plástico que imitam as reais da mãe na cozinha; os jogos com instrumentos de plástico que as crianças, de forma geral, ganham imitando instrumentos cirúrgicos ou clínicos as fazem imaginar que são médicos ou dentistas, entre outros. (PASQUALINI, 2009)

A forma como essa criança vai enfrentar o mundo à sua frente depende da influência familiar, em um primeiro momento. O convívio com outras pessoas e crianças também influenciam. Sua convivência escolar e relação com colegas e professores também é de suma importância para o seu desenvolvimento cognitivo (VIGOTSKY, 2001). A primeira ramificação diz respeito ao desenvolvimento motor, que deve ser estimulado entre 12 meses e 2 anos de vida. Aqui a criança desenvolve sua coordenação motora por meio de treinos e estímulos diários, essa fase exige muita atenção dos pais. Estes devem sim acompanhar, mas com cautela para não tornar a criança dependente deles para se movimentar.

A posse de objetos (brinquedos) pode gerar vários conflitos, principalmente, se esta criança não tiver com quem dividir o objeto. A individualidade cria um sentimento de EU único que não permite a divisão e o compartilhamento, contribuindo para uma atitude agressiva. (SANTOS, 2008).

Outra ramificação é o desenvolvimento da linguagem, que também é influenciado e trabalhado pelos pais desde o nascimento. A repetição de sons vogais até a formação de sílabas inteiras é um processo lento e requer muita paciência e dedicação. Hoje há escolas especializadas que recebem crianças pequenas e ajudam na aquisição até mesmo de mais de uma língua, então, essa ramificação se estende não só aos pais, mas à escola também. Vigotsky (2001) define essa fase como “linguagem autônoma infantil” em que a criança usa o meio em que vive para adquirir domínio da linguagem, muitas vezes ela vai usar uma expressão só para definir um grupo de palavras proferidas pelos adultos.

Entrelaçado a este, se tem o desenvolvimento cognitivo, onde a criança terá uma percepção mais aguçada do mundo que a cerca. Aqui a mesma consegue desenvolver sua visão do que está a sua volta. Aprende a diferenciar conceitos e definir objetos. Relaciona os sons aos conteúdos que lhes dizem respeito, por exemplo, quando ouve a palavra *maçã* relaciona essa à alimentação, e a algo doce, quando escuta um nome, já sabe relacionar à pessoa que o possui, e assim sucessivamente. A dificuldade na aquisição dessa linguagem pode gerar um conflito, e a forma que a criança tem de se defender é por meio da atitude agressiva. (VIGOTSKY, 2001)

Nesse sentido, quando bebês aprendem a relacionar o choro com algo que queiram: sono, fome ou atenção, por exemplo. A criança percebe que certas atitudes podem fazer com que consiga algo que queira, depende da situação e do objeto de desejo, caso chore, faz com que consiga comida ou atenção, isso pode ser usado com a mesma funcionalidade para outras situações, que podem desenvolver até mesmo um comportamento violento. (PASQUALINI, 2009). Cada criança tem um comportamento e humor individual, essa característica está

ligada ao desenvolvimento comportamental e emocional, que vamos aprofundar um pouco mais a seguir.

2.2. O Desenvolvimento do Comportamento Agressivo nas Crianças

A princípio a criança é dotada das percepções de seus sentidos, sendo eles visual, auditivo, olfativo e táteis. Com a aquisição da linguagem ela passa a ter mais entendimento, e fica mais inserida em seu ambiente de convívio. Ao relacionar o comportamento de conseguir o que quer por meio de atitudes agressivas, se não controladas, poderá persistir, gerando situações difíceis de reverter. Pasqualini (2009) ressalta que esse comportamento está ligado à fase dos três anos de idade, que se caracteriza por um conjunto de sintomas, tais como, negativismo, insubordinação, teimosia e rebeldia.

A criança tende a transformar um problema de fácil solução em uma situação dificultosa e problemática. Em uma circunstância, por exemplo, em que o irmão pega algo que pertença à criança e se recusa a devolver, para ela aquela situação pode parecer incompreensível sua resolução. Muitas vezes, por meio da agressão, a criança pensa que terá de volta o objeto desejado. A rebeldia e persistência de querer resolver sozinho, faz com que a criança opte pela atitude agressiva, já que esta representa uma prática de protesto generalizado (SANTOS, 2008).

A conduta e o comportamento dos pais diante de uma situação de agressão entre irmãos vão definir a continuidade ou não de tal prática. Por exemplo, se a atitude dos pais for repreender somente uma das crianças envolvidas e não a outra, esta vai relacionar seu comportamento agressivo a algo que pode beneficiá-la posteriormente. O que chamamos de *reforço*. Isso é resultado do comportamento dos pais, o que aumenta a chance de esse comportamento acontecer novamente. No entanto, se o estado e as características do objeto não forem considerados, é impossível dizer qual resultado irá realçar o objeto. O que é bom para uma pessoa por vez pode ser ruim para outra. Da mesma forma, em outro momento, o mesmo resultado pode perder seu realce (MOREIRA; MEDEIROS, 2006).

No entanto, se a atitude dos pais for contra o comportamento agressivo e não o que o gerou, a criança vai entender que sua agressividade gerou outro problema além daquele em questão. Funcionando como um estímulo aversivo para estas crianças. O *estímulo aversivo* refere-se à redução da chance de ocorrência deste comportamento, evitando a ação de punição positiva e aumentando a possibilidade de eliminação do comportamento desse estímulo aversivo, desempenhando assim um papel negativo. Assim como não há consequências

inevitáveis, não há estímulos inerentemente objetáveis (MOREIRA; MEDEIROS, 2006).

À luz do *Comportamento Operante*, se a criança percebe que usar atitudes agressivas (tais como birras, choros e gritos exagerados ou até mesmo ações físicas como chutes, tapas e mordidas) vai trazer algo que a beneficie, no seu ponto de vista, ou que dê algo que ela queira, essa atitude vai persistir até que haja algum tipo de punição, que o faria perceber que essa é uma atitude que não leva a nada. Se essa criança é agressiva em casa, geralmente, será agressiva na escola ou em qualquer meio que exija convívio social (SKINNER 1953). Skinner aqui apresentou o termo *operante* para se referir a qualquer comportamento ativo que atua sobre o meio ambiente para gerar consequências. Se a consequência for recompensadora ou agradável, aumenta a probabilidade do comportamento se repetir em ocasiões futuras. Em outras palavras, a teoria de Skinner (1953) explica como se obtêm a gama de comportamentos de aprendizagem que se exibe todos os dias.

A superproteção dos pais também pode ser um fator a gerar agressividade na criança, já que nesse caso limites não são prioridades para a educação da mesma. Dar sempre o que a criança quer, sem limites, não é saudável, já que os pais não apresentam clareza e coerência no que diz respeito ao certo e errado, e também aos limites (SANTOS, 2008). Se, por exemplo, os pais aceitam uma atitude agressiva da criança justificando que ela precisa ou que não sabe a diferença entre o certo e o errado, dá respaldo para que ela volte a utilizar de atitudes agressivas para conseguir o que quer.

Outro fator, contrário à superproteção, é um ambiente de abuso. Se a criança tem convivência com uma situação de abuso, verbal ou físico, a tendência é representar o que vive em casa em outros contextos. Segundo Silva *et al.* (2008) o ambiente em que a criança está inserida irá definir seu comportamento com outros indivíduos. Por isso é tão importante discutir os fatores de risco no desenvolvimento e proteção das crianças.

Ao ir para a escola, a criança vai representar, no convívio diário, aquilo que é vivenciado em casa. Se o ambiente propicia superproteção, ao se impor ao outro a criança pode apresentar comportamento agressivo e achar que será justificado e aprovado pelos pais, já que estes fazem sempre “vista grossa” a esse tipo de comportamento. Se a criança tem um convívio familiar com situações de abuso, físico ou verbal, a tendência é manifestar essa atitude também contra colegas e professores, exatamente por estar vinculado a esse tipo de situação (SILVA *et al.*, 2008).

Qualquer tipo de atitude agressiva deve ser evitada e repreendida, para que a criança se desenvolva e compreenda que não é uma atitude saudável, nem pra ela e nem pra quem

convive com ela. O processo de desenvolvimento identitário das crianças depende do convívio com os pais e será aprofundado no próximo item.

2.3. Processos de Construções Identitárias (relacionados à agressividade) em Crianças, a partir do Convívio com os Pais

O convívio familiar deve propiciar segurança, amor, alimentação e desenvolver a criança para torna-la um indivíduo socialmente capaz de se relacionar. Contudo, esse desenvolvimento familiar necessário não é fácil de trabalhar, exige um ambiente cheio de regras, não só para as crianças, mas para todos que convivem e contribuem para sua formação pessoal. Vygotsky (2003) nos ajudou a entender o processo de mediação ao lidar com ele. Após a inserção no ambiente familiar, a criança aprenderá a expressar suas primeiras ações e a internalizar diversos signos e símbolos todos os dias, que são os intermediários básicos de sua organização de pensamento, podendo também exercer suas funções psicológicas superiores. Quando uma criança desenvolve e acumula experiência por meio de relacionamentos com adultos e outras crianças mais velhas ou mais experientes, ela passa por um processo de personalização, que é reconhecido como um sujeito à parte.

A identidade dos pais igualmente se converte no nascimento do filho, dado que este faz dos adultos pais. Essas personificações são interiorizadas de modo que os componentes passam a realizar esses papéis. A criança se constituirá como filho “na medida em que as relações nas quais estiver envolvida concretamente confirmem essa representação, através de comportamentos que reforcem sua conduta como filho” (CIAMPA, 1987, p.162). É importante salientar que a identidade se forma a partir de vários papéis, e de várias outras atividades exercidas pelos indivíduos, o que torna a identidade multideterminada.

Como se pode notar, a criança “não é um ser acabado, mas um organismo em desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2001, p. 289). A agressividade infantil pode estar relacionada a vários fatores do convívio familiar. Uma criança que cresce, por exemplo, em um ambiente hostil, pode estar refletindo na agressividade toda sua frustração reprimida. É a forma silenciosa de ela lidar com a situação, ou seja, a conduta agressiva é um reflexo desse silêncio que a oprime (SANTOS, 2008). Se a criança convive diariamente com palavrões, gritos, insultos e quaisquer tipos de agressões, isso vai ser refletido em algum momento. Mesmo que ela pense que é uma situação comum, ou até não conhece outra para comparar, é algo que a incomoda, a deixando frustrada. Com isso, qualquer situação que desperte esse sentimento, vai fazer com que ela revide, para evitar viver aquilo dentro e fora de casa.

Em contrapartida, pode-se levar em consideração também aquelas crianças que têm uma criação protetora demais, em que os pais são permissivos ao extremo e não impõem nenhum limite às atitudes da criança. Para Piovesan *et al* (2018) esse tipo de comportamento é definido como conflito de origem exógena, que modifica a ação das crianças sendo resultado do ambiente e da cultura estabelecida pelos pais. Um ambiente sem regras ou restrições também pode gerar atitudes agressivas nas crianças, exatamente por não aceitar o NÃO e conviver num ambiente onde o EU prevalece sem controle. Essas, apresentarão comportamentos de birra, irritabilidade constante e agressões físicas e verbais. Na fase escolar essas atitudes comportamentais ficarão ainda mais evidentes.

A fase escolar também demonstra situações em que a criança não controla seu temperamento, é um local onde diferentes personalidades se encontram e convivem. A maneira como esse convívio se dará dependerá de como a instituição de ensino vai lidar com a situação de agressividade. O apoio dos pais nessa fase também é de extrema importância, porém não no que diz respeito a apoiar todas as atitudes da criança, mas também impor restrições e punições que podem evitar a repetição da circunstância que gerou a agressão. O não apoiar dos pais, apesar de ser algo que a criança não queira, vai ajudá-la a entender a gravidade da situação gerada por seu episódio de agressividade e entender que não deve ter esse tipo de comportamento mediante uma ação que não aprova ou não queira. (PIOVESAN *et al.*, 2018)

Ao nascer, o contexto social da criança já está dado, tendo ela que se inserir nele por meio de um processo de socialização. Bock (1989) explica que:

A socialização é o processo de internalização (apropriação) do mundo social com suas normas, valores, modos de representar os objetos e situações que compõem a realidade objetiva; é o processo de constituição de uma realidade subjetiva que se forma a partir das primeiras relações do indivíduo com o meio social. (BOCK, 1989, p.187).

Essa inserção social da criança, sem que ela possa escolher, levou Wallon (1975) a considerá-la como um ser “biologicamente social”. A criança aprende a cultura da sua realidade social por meio dos grupos com que interage, sendo fundamental o papel da família. A identidade, e tudo que a forma (signos, significados, linguagem, cultura), é constituída historicamente e, por isso, em cada identidade isolada, está contida também toda a história da humanidade (como afirmação e negação de quem sou), assim, como toda a história da família a que cada ser esteve ou está pessoal e coletivamente ou culturalmente ligado. Por esse motivo afirma-se que para se pensar a identidade é obrigatório considerar, sempre, a estrutura

social e o momento histórico no qual a pessoa, seja criança ou adulto, e os grupos sociais, estejam envolvidos. (BOCK, 1989)

Outro fator importante, que será abordado a seguir, e que também gera comportamentos agressivos está relacionado a alguém distúrbio e/ou patologia que a criança desenvolve ou apresenta já nas primeiras fases da vida.

2.4 A Psicologia e o Comportamento Agressivo

A capacidade de aprender vem inserida no homem que por meio das experiências alcança o desenvolvimento maturacional, pois ela é importante para que a aprendizagem se faça mais e mais complexa. Um grupo chamado de behavioristas tem conceitos peculiares da teoria de aprendizagem social, que se perfazem o condicionamento clássico e o operante, que segundo eles são como processo de aprendizagem.

O *pavloviano* ou conhecido condicionamento clássico se entende como uma pessoa ou animal que consegue aprender e a responder de forma automática a estímulos que inicialmente não se provocava a resposta, entende-se que a pessoa percebe e se antecipa ao evento. Em certa pesquisa de três cientistas Blass, Ganchrow e Steiner, 1984 (apud PAPALIA; OLD, 2000), bebês com duas horas de vida extrauterina foram condicionados a virar a cabeça e mamar toda vez que eram acariciados na testa ao mesmo tempo em que recebiam uma mamadeira com água adocicada.

Lembrando que o condicionamento operante chamado *skinneriano* pode ser entendido como uma pessoa que assimila e pratica determinada resposta produzindo um efeito particular que influencia o ambiente. Tal conhecimento foi tirado de um experimento com bebês após dois dias de nascidos, foi colocado que sugassem bicos conectados a uma fonte de música. Os recém-nascidos sugavam para manter a atividade ligada à música, mas paravam de fazê-lo quando isso a desligava, tal experimento mostra que os recém nascidos eram capazes de aprender pelo conhecimento operante, gerando comportamentos complexos a partir da união dos comportamentos clássico e operante. Aliás, dos dois tipos de comportamento, as crianças aprendem observando e imitando outras. (PAPALIA; OLD, 2000)

Vale ressaltar que para se aprender é necessário memorizar, segundo esses experimentos, demonstra-se que os neonatos eram capazes de lembrar e realizar ações que lhes produziram prazer. Sendo a aprendizagem determinante para o pensamento, linguagem, motivação, atitudes e personalidade, existindo desde uma forma simples à complexa de uma atividade mental diversificada. A memória tem uma função de reter o aprendido e

responder as diversas situações presentes que projetam o futuro. Um meio pelo qual se pode processar terapia comportamental com famílias e crianças agressivas é fazendo uma análise histórica da literatura dentro dessa temática que seria a maneira mais simplificada para achar a resposta empírica dessa questão, podendo assim orientar famílias de crianças que apresentam tais comportamentos. (PAPALIA; OLD, 2000)

Alguns estudos elaborados por Patterson, Baryshe & Ramsey (1989) desenvolveram um molde para o curso de desenvolvimento do comportamento antissocial, segundo esses autores na infância inicial onde práticas parentais são pobres no disciplinar e monitorar a criança podem contribuir para a iniciação dos problemas de conduta, levando a criança que está inserida na escola, na média infância, a rejeição devido a falhas acadêmicas. Somados estes dois aspectos encaminha a criança para a delinquência no período da adolescência. Tal desenvolvimento de comportamento antissocial traz o psicólogo a trabalhar com os pais dessas crianças, para que por meio do trabalho com estes possa modificar condutas dos mesmos, evitando assim, a delinquência no futuro, devido a isso tal estudo e prática foi tão aceita ao longo do tempo.

Existem quatro tipos de variáveis que possuem o efeito de perturbar as interações familiares saudáveis e prejudiciais para a família de uma perspectiva psicológica. 1) características dos comportamentos dos pais 2) características do comportamento dos avós 3) estressores familiares 4) variáveis sócio demográficas. Esses estressores tem uma influência sobre o padrão de interação estabelecido pelas famílias de crianças com distúrbio de conduta, através de estudos com os pais foi observado que os resultados eram positivos, em curto prazo, entretanto não mostra difusão ao longo do tempo. Portanto, após receberem treinamento psicológico sobre a parentalidade, famílias que precisam de ajuda do ponto de vista socioeconômico ou sob a influência de algum dos outros tipos de estressores já mencionados com consistentes, mais funcionais, menos coercivas e menos severas na disciplina de seus filhos, agindo assim de acordo com as orientações recebidas, entretanto não eram capazes de manter os benefícios encerrando a cooperação com psicólogos. Outras evidências empíricas associadas a esses resultados, como as destacadas por Whaler & Dumas (1989), mostram que o efeito dos estressores nos membros da família muda a percepção dos pais e não favorece sua interação com os filhos que apresentam comportamentos antissociais.

Nas crianças agressivas não eram vistas e identificadas habilidades de cognição específicas, sendo uma determinante dos problemas de relação social, e também notadas certas respostas peculiares deficientes em certas tarefas de forma facilmente identificadas.

Vários clínicos se mostram prontos para tentar compreendê-las, e assim ampliar as respostas mais competentes.

3. METODOLOGIA

A coleta e análise dos dados foram construídas a partir de artigos e teses na área de Psicologia que estão disponíveis em bibliotecas de universidades e sites renomados. Por meio da leitura e análise bibliográfica foram compilados e desenvolvidos os pressupostos registrados neste artigo.

O estudo bibliográfico e estruturação do trabalho, foram realizados nos meses de agosto de 2020 a maio de 2021. Iniciou-se com a intervenção e orientação da professora responsável, depois com buscas virtuais por meio de palavras-chave, tais como, agressividade, relação com os pais e comportamento infantil. A partir disso, foi feita leitura e resenha compilando o assunto principal que é a atitude agressiva das crianças e a influência ou ausência dos pais no desenvolvimento.

Em relação aos critérios de inclusão utilizamos os materiais encontrados, referente ao assunto tratado, não excluindo materiais antigos ou recentes, devido à importância destes para o estudo. Quanto aos critérios de exclusão foram rejeitados artigos que mostravam estudos relacionados a outros distúrbios como comportamento em adolescentes e adultos, ou a outros tipos de relação parental. Dando foco somente às causas do comportamento agressivo em crianças e se a relação com os pais podia ou não comprometer o desenvolvimento infantil.

Finalmente, foram realizados estudos e análises desses artigos, como etapa final da seleção, para avaliar comportamentos agressivos em crianças, neste caso, deu-se uma análise qualitativa desses autores selecionando os seguintes critérios: a) ter como objetivo comportamentos agressivos em crianças; b) analisar os efeitos de comportamento parental nas crianças agressivas. c) analisar o que poderia causar comportamentos agressivos e seus tipos. Ao final compilou-se 18 artigos sobre o assunto, dando base e suporte ao texto deste, sob supervisão minuciosa e detalhada da professora orientadora.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema principal, agressividade infantil, é recorrente em muitos estudos e pesquisas da área de psicologia. Pode-se compreender isso em relação aos artigos e teses pesquisados neste trabalho que destaca vários autores renomados, como Vygotsky, Pasqualini, Piovesan, entre outros, que muito contribuíram para o fechamento e entendimento dessa pesquisa. O envolvimento ou não dos pais nesse comportamento por parte das crianças deve sim ser avaliado e com propriedade.

Ao investigar as reações relacionadas à agressividade em crianças a partir da convivência com os pais constata-se que essas relações fazem uma grande diferença, positiva ou negativa, na formação da criança, podendo sim, gerar um comportamento agressivo. Ao pesquisar sobre as ramificações no processo de desenvolvimento destas verifica-se que a maneira como os pais desempenham seu papel parental justifica o tipo de comportamento da criança, principalmente nas primeiras fases da vida.

Como exposto, a convivência com os irmãos, colegas de escola, e professores interfere também no comportamento e visão de mundo da criança. Como os pais vão lidar com brigas entre irmãos, comportamentos inadequados na escola ou até como a criança vai se direcionar a eles pode desencadear um comportamento agressivo. As relações parentais também têm importância, a criança vivencia aquilo que vê e repete a conduta dos pais e adultos do seu círculo de convívio. Comportamentos agressivos por parte dos genitores (como abuso, por exemplo) também pode ter forte influência no comportamento agressivo.

Os estressores aqui descritos são possíveis influenciadores desse tipo de comportamento, relacionado ao convívio parental. A agressividade está relacionada ao ambiente em que vive a criança, esse processo de aprendizado é conhecido como *Skinneriano* ou condicionamento operante. É importante salientar que os pais ou responsáveis por essas crianças procurem ajuda especializada, sendo que esses comportamentos agressivos podem afetar o desenvolvimento do indivíduo, transformando-o de uma criança agressiva para um adulto também agressivo.

Apesar da existência de pesquisas que discriminam a origem da agressividade em crianças e se tem relação com os pais ou não, ainda se faz necessário o aprofundamento no assunto. Contudo, a avaliação psicológica infantil e o desenvolvimento comportamental da criança estão, cada dia mais, presentes em pesquisas e estudos em psicologia. Quanto ao estudo analisado nesta pesquisa, percebe-se que predominam estudos bibliográficos

qualitativos sobre a relação da agressividade infantil com a forma como os responsáveis lidam com esse comportamento.

O objetivo deste estudo é investigar as respostas relacionadas à agressividade na relação entre filhos e seus pais. No entanto, pode-se dizer que está diretamente relacionado e, muitas vezes, é afetado por esse relacionamento. Como mencionado anteriormente, a forma como os pais lidam com os problemas relacionados ao desenvolvimento de seus filhos afetará diretamente seus comportamentos, levando ao comportamento agressivo de seus filhos. Outro fator retratado está relacionado à interferência causada por relacionamentos abusivos e comportamento parental impróprio.

Alguns exemplos foram citados, mas vale ressaltar, a convivência com irmãos, amigos, professores, o querer chamar atenção para si, a imposição hierárquica, o atrito por objetos e atenção dos pais, abuso físico e mental, distúrbios em geral, tudo isso pode ser gatilho para um comportamento agressivo. Entretanto, a reação dos pais diante de tais situações vai melhorar ou agravar o comportamento. Como eles vão lidar e resolver o problema influenciará no comportamento da criança.

De fato, ainda são necessários, então, estudos e pesquisas aprofundadas do assunto. Torna-se relevante a busca por mais estudos não só do comportamento agressivo das crianças, mas também uma avaliação mais aprofundada do comportamento parental, e suas influências no desenvolvimento infantil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORSA, Juliane; BANDEIRA, Denise Ruschel. **Uso de Instrumentos Psicológicos de Avaliação do Comportamento Agressivo Infantil**: análise da produção científica brasileira. Sistema de Informação Científica, Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa. Acesso aberto. Avaliação Psicológica, 2011, 10(2), pp. 193-203. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=335027286010>.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio da psicologia social**. São Paulo, brasiliense, 1987.

HUNZIKER, Maria Helena Leite et al . **Variabilidade comportamental em humanos: efeitos de regras e contingências**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília , v. 18, n. 2, p. 139-147, Aug. 2002 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200004&lng=en&nrm=iso

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PASQUALINI, Juliana Campregher. **Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a Educação Escolar de Crianças de 0 a 6 anos: desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista ‘Julio de Mesquita Filho’, Campus Araraquara, SP 2006.

PASQUALINI, Juliana Campregher. **A Perspectiva Histórico-dialética da Periodização do Desenvolvimento Infantil**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, número 1, páginas 31 a 40, jan./mar. 2009.

PIOVESAN, Joseli; OTTONELLI, Juliana Cerutti; BORDIN, Jussania Basso e PIOVESAN, Josieli. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem** [recurso eletrônico]. 1 e-book Este caderno foi elaborado pelo Núcleo de Tecnologia Educacional da Universidade Federal de Santa Maria para os cursos da UAB Acima do título: Licenciatura em computação ISBN 978-85-8341-224-3. 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018.

PORTAL COMPORTESE, PUCRS Online. **Desenvolvimento Infantil à luz da Análise do Comportamento**. Sex, 11/03/2011, Às 05h25 AM. Disponível em: <https://comportese.com/2011/03/11/desenvolvimento-infantil-a-luz-da-analise-do-comportamento>

SANTOS, Ellen Fernanda. **Agressividade infantil: possíveis causas e consequências**. Revista Científica Eletrônica de Psicologia – ISSN: 1806-0625. Editora FAEF. Ano VI – Número 11. Periódicos Semestral, novembro de 2008.

SILVA, N. C. B., Nunes, C. C., Betti, M. C. M., & Rios, K. S. A. **Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil**. Sistema de Informação Científica, Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal. Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa. Acesso aberto. Temas em Psicologia - 2008, Vol. 16, número 2, 215 – 229. Disponível em : <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751432006>

SILVA, Aline Nascimento. **Reflexões teóricas sobre concepções e práticas frente à queixa escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. Orientação: Profa. Andréa Xavier de Albuquerque de Souza, Departamento de Psicologia, 28 páginas. Campina Grande, 2014.

SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **Terapia comportamental com famílias de crianças agressivas: por que, como e quando**. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto , v. 10, n. 19, p. 24-32, Dec. 2000 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2000000200004&lng=en&nrm=iso

SIMANKE, Richard Theisen. **O Trieb de Freud como instinto 2: agressividade e autodestrutividade**. Revista Scientle Studia, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 439 – 464, 2014.

SKINNER, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: Simon & Schuster.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. (2001)

VYGOTSKY, L.S.. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L.S.. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WALLON, Henry. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975.